

O ENSINO DE GEOGRAFIA NO ESTADO DE SÃO PAULO NA DÉCADA DE 1950 COM BASE NA OBRA DE AROLD DE AZEVEDO: CIÊNCIA NEUTRA?

Sidnei Lopes Ribeiro¹,
Ivan Carlos Zampin²,

RESUMO

Neste artigo descrevemos um breve histórico do desenvolvimento da Geografia enquanto Ciência e da sistematização do ensino de geografia no exterior e no Brasil. Depois analisamos parte de três obras didáticas de Aroldo de Azevedo da década de 1950, por ser importante amostra do pensamento geográfico e do contexto do Ensino de Geografia, reflexo da principal corrente do pensamento geográfico vigente na época. Os livros *Segunda Série Ginásial* (Geografia Geral - física e humana), *Terceira Série Ginásial* (Geografia Física e Humana do Brasil) e *Primeira Série Colegial* (Geografia Física) forneceram o programa oficial Federal para o ensino de Geografia e o abordado pelo autor. Finalmente, buscamos traços de “aneutralidade” em Aroldo de Azevedo analisando o capítulo sobre a população brasileira, do livro *Terceira Série Ginásial* (Geografia Física e Humana do Brasil).

Palavras-chave: história do pensamento geográfico; livros didáticos; escola pública.

¹ Licenciado, Bacharel, Mestre em Geografia e Doutor em Geociências pela Unesp (Rio Claro, SP); Especializado em Ensino de Geografia pela Unesp (Presidente Prudente, SP). Professor de Geografia em Escola Estadual de Rio Claro - SP (geosidnei@gmail.com).

² Doutor em Geografia, Unesp – Rio Claro Professor Coordenador em Escola Pública da Educação de São Paulo (iczcomp@yahoo.com.br).

ABSTRACT

This paper shows a concise historical of Geographical Science development and systematization of Geography teaching, first at the exterior, then in Brazil. After, we analyze parts of three Aroldo de Azevedo's didactical books from 1950's because those books are important sample from geographical thinking in that period and Geography teaching context, which is reflex of the principal geographical thinking school from that age: The books "Segunda Série Ginásial" (2nd high-school series: General Geography - Physical and Human Geography), "Terceira Série Ginásial" (3rd high-school series - Physical and Human Geography from Brazil) and "Primeira Série Colegial" (1st Collegial Series - Physical Geography) brought Federal official program to Geography teaching and the own author's. Finally, we searched traces of "unneutrality" in Aroldo de Azevedo, analyzing the chapter about Brazilian population at book Terceira Série Ginásial (3rd high-school series - Physical and Human Geography of Brazil).

Key-words: Geographical Thinking History, Didactical Books, Public School.

1. História e Sistematização da Geografia e do Ensino de Geografia

Antes de analisarmos alguns aspectos do Ensino de Geografia na década de 1950, percorremos um breve histórico do desenvolvimento da Disciplina desde seu desenvolvimento como Ciência Acadêmica até chegar aos dias de Azevedo. Também se relata a formação das instituições que levaram à estrutura didática, pedagógica e legal até a década de 1950 no Brasil e, particularmente, no Estado de São Paulo.

1.1 Sistematização da Geografia

Sabe-se que as origens da Geografia estão na Antiguidade e, em debate, Windelband (1955, p. 30) relata da seguinte forma os estudos dos gregos com relação à gênese das ciências, efetivamente como as conhecemos hoje:

Como quiera que sea, esos estúdios llegaron pronto a um elevado florecimiento em Grecia: ya de Anaxágoras se refiere que (em la cárcel) se ocupó de la cuadratura del círculo. Com las ideas astronômicas ocurre algo parecido a lo que com las matemáticas. Tales predijo un eclipse de sol, y es sumamente probable que para ello se valiera del caldeo Saros. Por outra parte, las ideas cosmográficas atribuídas a los filósofos mas antiguos, trazuntan un origen Egipsio, sobretudo la opinión, dominante em la época subsiguiente, com las esferas concéntricas dentro de las cuales los astros se movían al rededor de la tierra como punto central. [...] estas cuestiones sobre la constitucion del universo, sobre el tamaño, distância, figura y rotación de los astros, inclinación de la eclíptica, etc., llamaron vivamente la atencion de todos esos pensadores más antiguos. Los milesios imaginaban todavía que la tierra era llana, em forma de cilindro o de platô, y flotaba em medio de la esfera del mundo sobre la masa oscura y fría del aire: parece que los pitagóricos fueran los primeros que averiguaron por su propia cuenta la esfericidade de la tierra.

Cuanto hallamos de los conocimientos físicos de esa época revela casi siempre um predominio del interes meterorológico. Todo filósofo se creía em el deber de acer revelaciones sobre las nubes, el aire, los vientos, la nieve, el graniso, el hielo (WINDELBAND, 1955, p. 30).

Portanto, nos estudos da antiga Filosofia Grega, a Geografia evidencia-se nesse trecho interessante que trata dos conhecimentos geográficos da época, elaborados pela escola Jônica, assim descritos:

Los conocimientos geográficos de los griegos habían alcanzado también elevado grado de perfección em esa época. El comercio internacional, que conoció todo el mar Mediterráneo com todas sus costas, transformo y enriqueció esencialmente la imagem homérica del mundo. Se refiere de Anaximandro que trazó el primer mapamundi, y es interesante el relato de Heródoto, según el cual, Aristágoras, al presentar uno de éstos a los griegos del continente, trató de sugerirles una Idea de la posición

geográfica del amenazado helenismo com respecto al império persa (WINDELBAND, 1955, p. 31)

Nesse contexto, de acordo com Azevedo (1959, p. 16), Heródoto surge no século V a. C. como “pai da História”, primeiro geógrafo e um dos criadores da Geografia Regional. Seus contemporâneos, os filósofos geógrafos da escola de Pitágoras, consideraram a Terra esférica e admitiram o movimento de translação e Aristóteles comprovou a esfericidade da Terra em experimento realizado durante um eclipse lunar e também escreveu o livro *Meteorologia*.

A seguir, a escola de Alexandria ocupou-se da Geografia Astronômica e teve dois expoentes: Eratóstenes que, dentre outros feitos, escreveu o livro *Geografia*, fez uma medição aceitável da circunferência terrestre e construiu um mapa-mundi; Hiparco de Nicéia, considerado o maior astrônomo da antiguidade, o qual repudiou o mapa-mundi de Eratóstenes, organizou o primeiro catálogo de estrelas e descobriu a precessão dos equinócios, o ano trópico e o movimento do Sol e da Lua (AZEVEDO, 1959, p.17).

No século segundo da era atual, Claudio Ptolomeu de Alexandria, publicou *Synthaxis*, onde consta a teoria geocêntrica do universo, *Geografia* (em oito volumes) e seu famoso mapa-múndi, em 150 d.C. Os geógrafos gregos preocuparam-se com a configuração, posição e extensão do mundo habitado (ecúmeno – “*Óikoumene*”) e admitiam três continentes: Europa, Ásia (apenas a parte ocidental) e África (somente o Norte), denominada Líbia (AZEVEDO, 1959, p.18).

O principal geógrafo do mundo romano foi Estrabão (60 a.C. a 20 d. C), que viveu em Roma e produziu sua obra *Geografia* (17 volumes), englobando geografia astronômica e história, que se constituiu em preciosa síntese das idéias geográficas do início da era cristã (AZEVEDO, 1959, p.18). De acordo com Azevedo (1959, p.18-9), também foram autores dessa época: Políbio, Pompônio Mela – historiador que escreveu *De Situ Orbis* - uma geografia descritiva, Sêneca - que abordou problemas de cosmografia³, meteorologia e hidrografia - e Plínio, o velho (23-79 d.C.), que deixou muito material de interesse geográfico, inclusive uma descrição dos países conhecidos na época.

Mas a Geografia regrediu na era medieval européia, devido a interpretações fantasiosas e lendárias, resultando em mapas sem coordenadas geográficas e com gravuras de “monstros” marinhos. Porém, Azevedo (1959, p.19) informa que, na época, o destaque das atividades geográficas atribuiu-se à civilização Árabe com diversos representantes notáveis: no século IX, o Califa Al-Manun discutiu as idéias de Aristóteles

³ Obras que compreendiam conhecimentos astronômicos, geográficos e náuticos, além de dados históricos e das ciências naturais (AZEVEDO, 1959, p. 22).

e Ptolomeu na obra *Almagesto*; Ibn Fosslan descreveu a planície Russo-Siberiana; Kordadbeh escreveu *Cosmografia* e estudou as rotas comerciais da Ásia. No Século X, Massudi descreveu o mundo então conhecido, mas foi no século XII que viveu o maior geógrafo árabe: Abu Abdallah El-Idrisi (1100-1164), destacando-se dentre suas obras um globo celeste, um mapa mundi e *O Livro de Rogério*. Posteriormente, Abulfeda elaborou um *Manual de Geografia* e Yakut escreveu um Dicionário dos Países.

Azevedo (1959, p.20) afirma que, embora os Árabes não tenham contribuído para o avanço do conhecimento geográfico, eles deixaram estudos importantes sobre o Extremo-Oriente e preservaram a obra da Antiguidade Europeia. Porém, nessa mesma Europa retrógrada, as ideias geográficas de Aristóteles ressurgem de dentro da própria Igreja no século XIII: clérigos como Alberto, o Grande (1193-1280), divulgador das concepções aristotélicas, e Roger Bacon (1214-1294), defensor da esfericidade da Terra e estudante de Ciências Naturais fazem a Geografia se desenvolver e, na mesma época, surgem as Cartas Portulanos criadas pelos navegadores Italianos e difundidas nos países Mediterrâneos.

Nos séculos XV e XVI o Renascimento ocorreu também para a Geografia devido a dois fatos importantíssimos, segundo Azevedo (1959, p. 20-1): i) a ampliação do horizonte geográfico, com as Grandes Navegações; ii) e a invenção da imprensa, que divulgou os novos conhecimentos e difundiu as obras importantes da Antiguidade. Também surgiram muitas Cosmografias e deu-se grande desenvolvimento à Cartografia, acompanhando a ampliação da geografia das terras conhecidas, que passam a incluir o Novo Mundo Americano, em contraposição ao Velho Mundo.

De acordo com Azevedo (1959, p. 23-5) e Infopedia (*on line*), no século XVII os progressos da Astronomia e da Matemática deram o impulso inicial da Geografia Física. Galileu inventou a luneta astronômica e o termômetro, observou a pressão atmosférica, descobriu as manchas do Sol, os satélites de Júpiter, as fases de Vênus e o movimento de translação da Terra. Kepler descobriu as três leis da mecânica celeste e publicou um mapa; Pascal estudou a pressão atmosférica; Torriceli inventou o barômetro e Newton descobriu a lei da gravitação universal e o achatamento dos pólos da Terra. Muitos outros fizeram importantes contribuições, mas Bernardo Varenius, autor de *Geographia Generalis*, foi considerado um precursor da geografia moderna, pois sintetizou os conhecimentos geográficos acumulados desde os Descobrimentos. Ele aceitou plenamente a concepção copernicana do Universo e estudou os grandes problemas da orografia, da Climatologia e da Oceanografia em seus 28 anos de idade.

No século XVIII, William Herschel inventou o telescópio e descobriu o planeta Urano, Laplace aventou a teoria cosmogônica e, na Geografia Astronômica, mediram-se o arco do meridiano e o atual Equador. Na Meteorologia destacaram-se Fahrenheit, Réamur e Lavoisier. Na Geografia Física destacaram-se Buache, Büsching, e Hutton, o qual lançou as bases da Geomorfologia. Lineu, Buffon e Zimmermann contribuíram com a Biogeografia e os franceses Delisle, D'Anville e Cassini alavancaram a Cartografia (AZEVEDO, 1959, p.25).

De acordo com Moraes (2007), a Filosofia, o Iluminismo, a Economia Política e a teoria da evolução foram **fontes da sistematização da Geografia nos séculos XVIII e XIX**. A **Filosofia** propôs explicações do mundo e formulou sistemas para compreender os fenômenos do real, resultando na primeira valorização da Geografia. Kant e Leibniz enfatizaram a questão do espaço; Hegel e Herder destacaram a questão da influência do meio sobre a evolução das sociedades, enquanto Herder levantou a ideia, acatada pelos geógrafos, da Terra como “teatro da humanidade”.

O **Iluminismo** (porta-voz do novo regime político, das ideologias burguesas e do capitalismo) analisou e enriqueceu os temas da Geografia ao discutir formas de poder e de organização do Estado. Rousseau discutiu as relações entre a gestão do Estado, as formas de representação e da influência da extensão do território na política de uma sociedade (Democracia em nações pequenas e governos autocráticos nas extensas). Em um capítulo de *O Espírito das Leis* Montesquieu discutiu a ação do meio no caráter dos povos e elaborou teses deterministas, como esta: povos de regiões montanhosas seriam pacíficos devido à proteção natural do meio e os povos de planícies seriam guerreiros pela possibilidade iminente de invasões propiciada pelo relevo plano.

A **Economia Política** discutiu questões geográficas quando tratou da produtividade do solo, dos recursos minerais de cada lugar e de problemas como distâncias e aumento populacional. Simultaneamente as **teorias do evolucionismo** legitimaram cientificamente a Disciplina nascente ao partirem de formulações de Darwin e Lamarck, que destacavam o papel do meio ambiente na evolução das espécies, cuja adaptação ao meio seria um dos processos fundamentais. Haeckel mereceu destaque pelo desenvolvimento da Ecologia como um estudo da inter-relação dos elementos de um espaço.

Novamente, de acordo com Moraes (2007), por razões de maturação histórica, a **sistematização do conhecimento geográfico** completou-se no início do século XIX porque, para sua viabilização como ciência autônoma, **necessitava de três pressupostos históricos**, inerentes ao capitalismo. O **primeiro**, iniciado nas Grandes

Navegações, era o conhecimento da extensão real do planeta, possibilitando um estudo unitário do mesmo. O **segundo** pressuposto era a existência de alguns grandes arquivos, como as Sociedades Geográficas, criados nas Metrôpoles para guardar os dados colhidos em toda a Terra, tornando a Geografia de até meados do século XIX uma obra de elaboração desse material. No Brasil, Cardoso (2005) informa que a Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro foi fundada em 1883, no final do regime imperial, como um espaço especializado para o saber geográfico brasileiro.

O **terceiro** pressuposto histórico, de acordo com Moraes (2007), foi o aprimoramento das técnicas de impressão e cartográficas como localização e representação padronizadas e precisas das observações dos territórios. O comércio mundial e a nascente economia global necessitavam de mapas precisos, que passaram a ser publicados nos Atlas. Tais condições materiais, advindas das relações capitalistas, sistematizaram a Geografia ao possibilitarem comparações e discussões sobre o caráter variável dos lugares, além da compreensão da diversidade da superfície da Terra, fundamentando a reflexão geográfica sólida.

Concluindo essa fase da sistematização da Geografia, de acordo com Moraes (2007) e Azevedo (1959, p. 27-8), as obras dos geógrafos alemães **Humboldt e Ritter** compõem a base da criação da Geografia Tradicional. A Geografia de Ritter é regional e antropocêntrica e a obra do incansável viajante Humboldt abarca todo o Globo, mas não privilegia o homem; porém, as coincidências das obras destes dois geógrafos fundamentam uma Geografia unitária. A criação de uma linha de continuidade no pensamento geográfico e a formação de cátedras, com a institucionalização da Disciplina, são méritos de Humboldt e Ritter. Após eles a Geografia transformou-se numa Ciência acadêmica, pois deixaram uma influência geral, resgatada por todas as vertentes da Geografia Tradicional.

A Humboldt e Ritter, segundo Moraes (1990) e Azevedo (1959, p. 27-8), se junta Friedrich **Ratzel**, o primeiro cientista a explicitar um estudo geográfico exclusivamente para a discussão dos problemas humanos, cuja obra mais famosa – Antropogeografia introduz o método positivista no pensamento geográfico. Mas, de sua obra surgem dois subprodutos polêmicos: a escola Determinista e, ainda, a Geopolítica, estigmatizada por muito tempo devido a seus vínculos com o nazismo na Alemanha hitlerista (1933-1945).

Para Azevedo (1959, p. 29-30) e Lacoste (2005, p. 29) **Elisée Reclus** é o primeiro grande geógrafo francês, que publicou “*Nova Geografia Universal*” (19 volumes) e **Paul Vidal de la Blache** “é a glória da geografia francesa” e “*fut le fondateur de l'école*

géographique française". E, segundo Moraes (2007), a escola de Geografia francesa, oponente à escola alemã de Ratzel, foi capitaneada por Paul Vidal de la Blache, que publicou suas obras no final do século XIX e início do XX. Como a Geografia de Ratzel legitimava a ação imperialista do Estado alemão, a França combateu-a criando seu próprio pensamento geográfico por meio de la Blache, que moveu o centro da discussão geográfica da Alemanha para a França.

Por meio do discurso científico, Ratzel e la Blache veicularam os interesses diversos das classes dominantes de seus países: Ratzel exprimia o autoritarismo da sociedade alemã, cujo agente social privilegiado era o Estado; la Blache, mais liberal, como a Revolução Francesa, analisava o meio partindo do homem abstrato do liberalismo, fundamento das críticas de la Blache à Antropogeografia de Ratzel, que lhe permitiu cumprir sua missão.

Segundo Moraes (2007), há **três críticas** de Paul Vidal de la Blache aos princípios de Ratzel. A **primeira delas** foi quanto à politização de seu discurso e ao trato de questões políticas, num claro ataque ao expansionismo alemão. La Blache também condenou a vinculação entre o pensamento geográfico de Ratzel e a defesa de interesses políticos imediatos sob o argumento liberal da "neutralidade do discurso científico", apresentando a ideologia da objetividade.

Outra crítica a Ratzel recaiu no seu caráter naturalista, pois la Blache criticou a minimização do elemento humano, passivo em Ratzel, e defendeu que a liberdade criativa da ação humana não seria apenas uma resposta às imposições do meio e valorizou a História, pois era historiador. Essa foi a contribuição mais importante de la Blache para o desenvolvimento do pensamento geográfico, porém o autor não rompeu totalmente com uma visão naturalista ao afirmar: "*a Geografia é uma ciência dos lugares, não dos homens*". Assim, o que interessaria à análise seria o resultado da ação humana na paisagem, e não esta em si mesma.

A **terceira crítica** de Vidal à Antropogeografia atacou a concepção fatalista/mecanicista da relação homens/natureza. Assim, atingiu diretamente a ideia da determinação da História pelas condições naturais. Vidal propôs uma postura relativista (possibilista) nesta questão e afirmou que tudo o que se refere ao homem "é mediado pela contingência". Este posicionamento, aceito por seus seguidores, fez com que a Geografia francesa abandonasse qualquer intento de generalização. A partir destes três pontos, la Blache construiu sua proposta de Geografia sempre como um diálogo crítico à sua congênere alemã (MORAES, 2007).

Azevedo (1959, p. 31) cita outras grandes figuras da geografia, contemporâneas a la Blache, na França: Albert de Lapparent, Emmanuel de Martonne e Henri Baulig na Geografia Física; Jean Brunhes, Albert Demangeon, Camille Vallaux, Lucien Febvre e Max Sorre, na Geografia Humana; nos EUA: William M. Davis, Ellen C. Semple, Ellsworth Huntington, Isaiah Bowman e Preston James; na Grã-Bretanha: James Geikie e A. J. Herbertson; e, na Itália, Olinto Marinelli.

Moraes (2007) explica que o Positivismo é o fundamento da Geografia Tradicional e utiliza os postulados dessas correntes não-dialéticas como unificadores do pensamento geográfico tradicional. Isto reduz a realidade ao mundo dos sentidos, restringe-se aos aspectos visíveis, mensuráveis e palpáveis do real e transforma o cientista num mero observador. Assim, para o autor, essa corrente de pensamento impediu a Geografia de adquirir um conhecimento mais generalizador, que ultrapassasse a descrição e a classificação dos fenômenos.

Concluindo a seção, inserimos os grandes princípios da Geografia, norteadores das pesquisas e do ensino de Geografia na época de Aroldo de Azevedo. Com a palavra, o mestre:

Graças à obra dessa plêiade de mestres eminentes, a Geografia deixou de ser puramente descritiva e passou a ter um caráter científico, que pode ser consubstanciado em três grandes princípios.

- 1) O princípio da extensão, introduzido notadamente por Friedrich Ratzel e através do qual o geógrafo deve preocupar-se em localizar os fatos estudados, determinando-lhes a área geográfica;
- 2) O princípio da analogia ou de geografia geral, adotado nos trabalhos tanto de Ritter como de Vidal de la Blache e através do qual o geógrafo deve procurar analogias com os fatos observados, retirando daí as leis da geografia geral;
- 3) O princípio da causalidade, devido a Alexandre de Humboldt e através do qual o geógrafo deve buscar as causas e examinar as consequências dos fatos observados.

Estes três grandes princípios norteiam a ciência geográfica contemporânea [...]. Embora suas origens devam ser procuradas em épocas remotíssimas, a ciência que estamos estudando tem pouco mais de um século de vida (AZEVEDO, 1958, p. 9-10).

Após este breve histórico do desenvolvimento da Geografia enquanto ciência discute-se, em seguida, a sistematização do Ensino de Geografia no exterior e, depois, nas escolas públicas brasileiras para entender a realidade do ensino na década de 1950. Naquela época, o ensino básico foi reestruturado e ganhou uma nova nomenclatura: Ginásial (atuais 6^o ao 9^o anos do Ensino Fundamental) e Colegial (atual Ensino Médio). Porém, antes, descreveremos os fatos precursores que levaram à realidade analisada no presente documento.

1.2. Sistematização do Ensino de Geografia

Segundo Moraes (2007) o ensino de Geografia à população iniciou-se na Alemanha (Prússia na época), resultando na vitória de seu exército sobre o da França e na anexação da importante região carbonífera da Alsácia-Lorena. Derrotados, os franceses reformaram o governo e o ensino em seu país: a Terceira República inseriu a Geografia em todas as séries do ensino básico, criou as cátedras e os institutos de Geografia. Para o autor, a derrota mostrou à elite francesa “*a necessidade de pensar o espaço, de fazer uma Geografia que deslegitimasse a reflexão geográfica alemã e, ao mesmo tempo, fornecesse fundamentos para o expansionismo francês.*” Como o sistema de ensino brasileiro se inspirou no modelo francês acima descrito, a partir de agora descreveremos os fatos que aconteceram no Brasil.

1.2.1. Sistematização do Ensino de Geografia no Brasil (1929-1938)

Vários fatos propiciaram a estruturação do corpo legal, institucional e educacional de Geografia levando à normatização da produção de livros didáticos. Segundo Tenório (2009), em 1929 o Governo Federal criou o Instituto Nacional do Livro (INL) para legislar sobre políticas do livro didático e o Ministério dos Negócios da Educação e Saúde Pública em 1930 para estudar e encaminhar os assuntos referentes ao ensino, à saúde pública e à assistência hospitalar (decreto n° 19.402, de 14/11/30).

O novo Ministério, de acordo com Tenório (2009), executou a reforma educacional sob o Ministro Francisco Campos, por decretos: criação do Conselho Nacional de Educação (Decreto n° 19.850, 11/04/1931), organização do Ensino Superior no Brasil e adoção do Regime Universitário (Decreto n° 19.851, 11/04/1931), organização da Universidade do Rio de Janeiro (Decreto n° 19.852, 11/04/1931), organização do Ensino Secundário⁴ (Decreto n° 19.890, 18/04/1931), organização do Ensino Comercial e regulamentação da profissão de Contador (Decreto n° 20.158, 30/06/1931), consolidação das disposições sobre a organização do Ensino Secundário (Decreto n° 21.241, 14/04/1932).

De acordo com GRANVILLE (2008), entre 1937 e 1960 a organização de todos os livros didáticos do **ensino médio**⁵ obedecia ao prescrito pelo Instituto Nacional do Livro (INL), em consonância com o Ministério da Educação e do Desporto (MEC). Em 1938, o

⁴ Corresponde aos atuais Ensino Fundamental, Ciclo II (6º ao 9º ano) e Ensino Médio (1º ao 3º ano).

⁵ Havia um ano de admissão. Se aprovado, o aluno cursaria o ensino médio: quatro séries do ensino ginásial (ciclo II do Fundamental) e três ou quatro (Magistério) do ensino colegial, atual Ensino Médio.

decreto-lei 1006 (30/12/1938) instituiu a Comissão Nacional do Livro Didático, fato que completou a sistematização inicial do Ensino de Geografia no Brasil porque foi a primeira política de legislação e controle de produção e circulação do livro didático no território nacional.

Completadas as ações federais, vamos ao plano estadual. De acordo com USP (2010), constitui-se em marco no ensino brasileiro a criação da Universidade de São Paulo (USP) em 1934 pelo Decreto Estadual n° 6.283, de 25/01/1934 assinado pelo interventor Armando Salles de Oliveira, mas inspirado nas ideias do jornalista Julio de Mesquita. A Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFCL) foi fundada em 1934 para centralizar as atividades de formação da recém-criada USP de um núcleo de pesquisadores brasileiros em diversas áreas do conhecimento.

Os primeiros anos da FFCL foram marcados pela multidisciplinaridade e pela atuação da missão de professores europeus, muitos franceses, porque ainda não havia docentes formados nesses cursos no Brasil. O objetivo prático de sua criação foi preparar professores especializados para o ensino secundário e superior e um deles, Aroldo de Azevedo, tornou-se escritor de livros didáticos para o Ensino Secundário.

Barbosa (on line) informa que no período nomes expressivos como Pierre Deffontaines, Pierre Monbeig, Emmanuel De Martonne, Roger Dion, Le Lannou, Pierre Gourou, Louis Papy, Francis Ruellan, entre outros, deram cunho descritivo, mecanicista e funcionalista à Geografia Brasileira e inspiraram uma ciência pretensamente objetiva e neutra, como veremos em trechos escolhidos da obra de Aroldo de Azevedo. Do mesmo modo que a Geografia francesa, a Geografia brasileira pensou-se como uma extensão da Escola Normal, tendo por público alvo o docente do ensino básico (MORAES, 1994).

Como primeiro grande autor de livros didáticos de Geografia para o Ensino Secundário no Brasil, Aroldo de Azevedo tornou-se expoente por ter sido referência na área por várias décadas. Portanto, devido a este fato marcante na vida de Azevedo, analisaremos parte de sua obra didática utilizada no Ensino de Geografia no Estado de São Paulo, nos moldes da legislação e do pensamento geográfico da época. Porém, antes analisaremos o pensamento geográfico do mestre.

2. Breve análise de parte da obra didática de Aroldo de Azevedo

2.1. Comparação do currículo oficial com o conteúdo dos livros didáticos de Azevedo

Barbosa (on line) afirma que no período entre 1934 e 1974, Aroldo de Azevedo publicou 127 livros e artigos, sendo 30 títulos livros didáticos (23,6%), com 95% da

produção bibliográfica nas décadas de 1940 a 1960; a década de 1950 responde por 45% da produção total. Os temas mais abordados foram os estudos urbanos (31% dos títulos), Metodologia e Pensamento Geográfico (11%), Ensino (11%), Críticas e Comentários (10%), Geografia Regional (9%) e Biografias de seus familiares (9%). Seus estudos concentram-se em temas urbanos nas décadas de 1940 e 1950 e em biografias na década de 1960.

Santos, W. (1984), aponta os preceitos positivistas-funcionalistas da geografia francesa atuando como centro de gravidade da produção geográfica e didática de Aroldo de Azevedo e de seus contemporâneos. São marcas positivistas⁶: a) a naturalização dos fenômenos humanos, fazendo o homem um elemento a mais na paisagem; b) a abordagem sintética-classificatória, na qual a visão de conjunto se estabelece a partir de um raciocínio analítico responsável pela simplificação do real aos seus elementos primordiais; e c) o estabelecimento de princípios como tentativa de retomada da unidade.

E são marcas funcionalistas⁷ em Aroldo de Azevedo: a) a paisagem é vista como um organismo e cabe ao geógrafo estabelecer o seu retrato “vivo”; b) há uma unidade funcional terrestre que exige de cada fator o exercício do papel necessário ao bom funcionamento do sistema; c) as diferenças entre áreas e paisagens geográficas se dão em função de uma pluricausalidade compreendida como elemento configurador das diferentes epidermes regionais terrestres.

Após todo esse arcabouço teórico, passamos à análise prática de alguns trechos da obra enfocando parte dessas marcas anotadas por Santos, W. (1984). Transcrevemos o programa da **Segunda Série Ginásial (Geografia Geral)**, sobre Geografia Física e Humana dos Continentes, de acordo com a Portaria Ministerial n.º 1045, de 14 de dezembro de 1951:

- I. Os continentes e as Regiões Polares.
 1. Características dos continentes; dados comparativos;
 2. As Regiões Polares.
- II. A América do Norte.
- III. A América Central e as Antilhas.
- IV. A América do Sul. Países Andinos.
- V. A Argentina, Paraguai, Uruguai.
- VI. A Europa Setentrional e Oriental.
- VII. A Europa Ocidental, Central e Meridional.
- VIII. A África. As possessões européias. O Egito.
- IX. A Ásia Oriental. A Ásia Central.
- X. A Ásia Meridional. A Ásia Ocidental.
- XI. A Austrália.
- XII. A Oceânia.

⁶ Grifos nossos.

⁷ Grifos nossos.

Cada um dos números do programa será assim estudado: a) fisiografia; b) as grandes regiões naturais; c) populações, raças, línguas e religiões; d) divisões políticas e cidades principais; e) recursos econômicos (AZEVEDO, 1958, p 11).

Porém, o autor mostra-se insatisfeito com a reforma curricular de 1951 para a Segunda Série do Ensino Ginásial, como evidencia o trecho abaixo, no qual tece críticas brandas ao assunto:

EXPLICAÇÃO

NÃO NOS PARECE haver sido feliz a recente reforma dos programas do ensino secundário, no que se refere ao estudo da Geografia na 2ª série ginásial. Seria preferível que se conservasse o programa anterior, tal como estava. Sem desejar fazer-lhe uma crítica pormenorizada, queremos apenas ressaltar certas contradições, que no mesmo aparecem: 1. Pretendendo realizar um estudo de geografia física e humana dos Continentes (pois tal é o título que encabeça o programa), tende muitas vezes, inegavelmente, para a geografia regional (Países Andinos; Argentina, Paraguai e Uruguai; Europa Setentrional e Oriental; Ásia Oriental, etc., etc.) e chega mesmo a entrar em detalhes de verdadeira corografia⁸ (como é o caso da referência especial feita ao Egito); 2. Para algumas partes do mundo, estabelece um estudo de caráter geral (América do Norte, América do Sul, África, Oceânia), ao passo que não segue a mesma orientação relativamente a outras (Europa, Ásia).

Diante desses fatos, que registramos com constrangimento, preferimos interpretá-lo à nossa maneira, sem nos escravizarmos ao texto oficial, embora sem deixar de atendê-lo em sua essência. Daí termos abordado cada uma das partes do mundo dentro de três aspectos capitais: a) a estrutura física; b) a vida humana; c) as regiões geográficas — concedendo ao continente americano o lugar que realmente merece, desde que, afinal, é aquele que melhor devemos conhecer. O estudo das regiões geográficas aparece, sempre, como uma síntese das duas outras partes; [...] Com esta explicação, pretendemos justificar a orientação seguida no presente volume e responder a possíveis críticas daqueles que, comparando o programa atual com a matéria por nós desenvolvida, possam afirmar que existe uma discrepância entre um e outra. [...] Aroldo de Azevedo, São Paulo, outubro de 1952 (AZEVEDO, 1958, p. 9-10 - grifos nossos).

Trazemos a seguir o programa oficial completo para a terceira série ginásial para que o leitor tenha uma ideia do currículo de Geografia do Brasil para aquela época e o compare com os conteúdos efetivamente inseridos nas obras de Aroldo de Azevedo:

PROGRAMA DE GEOGRAFIA FÍSICA E HUMANA DO BRASIL

De acordo com a Portaria Ministerial n° 1045, de 14/12/ de 1951.

Terceira Série Ginásial

I) O ESPAÇO BRASILEIRO:

1. O espaço e a posição. 2. O relevo. 3. O litoral.
4. Os climas. 5. A hidrografia. 6. O revestimento vegetal.

II) A POPULAÇÃO BRASILEIRA:

⁸ Corografia: descrição de regiões ou ainda escrita das regiões, amplamente utilizado nos séculos XVII e XVIII, e Varenus foi um dos principais responsáveis por sua divulgação (LEAL, 2009, p. 5).

1. Formação étnica; etnias. 2. Línguas e religiões. 3. Distribuição da população. 4. Imigração. 5. A habitação e a alimentação. 6. As fronteiras.

III) ORGANIZAÇÃO POLÍTICA E ADMINISTRATIVA:

1. A organização constitucional. 2. Divisão política do país. A União. Os Estados. O Distrito Federal. Os Territórios. 3. A divisão municipal.

IV) CIRCULAÇÃO. Os SISTEMAS DE VIAÇÃO:

1. Os transportes: estradas de rodagem; estradas de ferro; navegação marítima e fluvial; a aviação. 2. As comunicações: correios, telégrafos, telefone, rádio.

V) A PRODUÇÃO AGRÍCOLA:

1. Solos agrícolas; esgotamento e conservação.
2. Os principais produtos de origem vegetal. 3. Defesa da produção agrícola.

VI) A PRODUÇÃO MINERAL E ANIMAL:

1. Recursos minerais. 2. Criação de animais; produtos de origem animal.

VII) A INDÚSTRIA E o COMÉRCIO:

1. Recursos minerais. 2. As fontes de energia. 3. A evolução industrial e as principais indústrias nacionais. 4. O comércio interno e o comércio exterior. (AZEVEDO, 1960, p. 9).

Eis o sumário da obra de Aroldo de Azevedo para a terceira série ginasial, para fins de comparação com o programa oficial:

A TERRA:

Aspectos gerais. Relevo. Litoral. Climas. Hidrografia. Vegetação e fauna.

O HOMEM:

A população brasileira. Os tipos étnicos. Imigração e colonização. Línguas e religiões. O alimento e a habitação. As fronteiras. A organização político-administrativa.

A ECONOMIA:

Transportes terrestres. Navegação. Aviação. Pequena história da economia brasileira. A vida agrícola. As três maiores riquezas agrícolas. Outras riquezas agrícolas. Criação de gado. Produtos de oriem animal. Indústrias extrativas vegetais. Indústrias extrativas minerais. Indústrias de transformação. Comércio. (AZEVEDO, 1960, p. 11).

Nesta edição Azevedo não comentou o programa oficial e o seguiu reagrupando-o à maneira possibilista vigente na época. Finalmente, eis o programa oficial para o primeiro ano colegial, que trataria só de Geografia Física não fosse a parte inicial, a respeito do desenvolvimento histórico da Geografia (unidade I - A ciência geográfica), da qual já nos utilizamos no trecho do texto sobre o desenvolvimento da Ciência da Geografia:

PROGRAMA DE GEOGRAFIA GERAL

Primeiro ano colegial.

I) A ciência geográfica.

1) A evolução da Geografia. 2) A Geografia moderna. 3) O conceito de Geografia Regional. 4) As ciências afins.

II) A Terra no espaço.

1) Forma e dimensões da Terra. 2) Os movimentos da Terra e suas conseqüências. 3) A Lua.

III) A atmosfera.

1) Composição, temperatura, pressão e ventos. 2) Umidade atmosférica e as chuvas. 3) Climas: conceito e classificação. 4) O clima e o homem.
IV) A hidrografia.

1) As águas do mar; temperatura e salinidade.

2) Vagas, correntes e marés. 3) O relevo submarino. 4) O contato dos continentes e dos mares: as costas. 5) Ilhas oceânicas. Recifes. 6) As águas correntes: os regimes e feições características. 7) As formações lacustres.

V) O relevo.

1) Estrutura e composição da crosta terrestre. 2) O modelado terrestre e seus fatores (erosão, tectonismo, vulcanismo). 3) Tipos de relevo. 4) O relevo e o homem. As paisagens geográficas.

De acordo com a portaria ministerial n.º 1.045, de 1 de dezembro de 1951.

(AZEVEDO, 1959, p. 9).

E o sumário da obra criada por Aroldo de Azevedo, para fins de comparação:

GEOGRAFIA FÍSICA (1.º ano colegial)

SUMARIO DA OBRA

I) Introdução. História da Geografia: das origens até o século XVIII. A Geografia contemporânea: suas maiores figuras e seus grandes princípios. O objeto da Geografia e sua importância.

II) A terra no espaço. O nosso Universo. A Terra. A Lua.

III) A atmosfera e os climas. A Atmosfera. A temperatura do ar. A pressão atmosférica e os ventos. A umidade atmosférica e as chuvas. Os climas da Terra.

IV) Águas oceânicas e águas continentais. Os oceanos e os mares. O fundo do mar. As águas do mar. Os movimentos do mar. Os lagos e as geleiras. As águas correntes.

V. O relevo terrestre e seus fatores. Estrutura da Terra. As eras geológicas. O modelado terrestre. Tectonismo. Vulcanismo e abalos sísmicos. O trabalho dos rios: erosão e acumulação. O trabalho dos rios: vales fluviais e ciclo de erosão. O trabalho do mar; tipos de costas. O trabalho dos ventos e das geleiras.

VI. Apêndice. Os vegetais e o meio. Os animais e o meio. Representação gráfica da Terra (AZEVEDO, 1959, p. 10).

Nesta edição Azevedo incluiu uma apresentação (*Ao leitor*) onde, além da necessidade de sintetizar a obra para não encarecê-la ao estudante (preocupação existente desde 1947), nem omitir o que considerava essencial, recorreu a tipos menores e a indicações de leitura, além da bibliografia geral constante no final da obra. Ao concluir o texto (escrito em outubro de 1952), um angustiada Azevedo assim se expressou:

Dentro de tais limitações, mas com o firme propósito de concorrer para a elevação do nível de nosso ensino geográfico, tudo fizemos por organizar um livro útil à mocidade estudiosa brasileira. Só o futuro poderá dizer se conseguimos ou não alcançar este elevado objetivo (AZEVEDO, 1959, p. 12).

Portanto, vamos agora à análise de pequenos trechos da obra de Aroldo de Azevedo.

2.2. Análise de algumas obras didáticas do autor.

Escolhemos obras didáticas da década de 1950, que evidenciam o pensamento geográfico da época refletido no currículo de ensino de Geografia na ótima escola pública de então, porém elitista e excludente. A seguir descrevemos alguns aspectos das seguintes obras: *Segunda Série Ginásial* porque traz uma visão da Geografia Geral, física e humana; *Terceira Série Ginásial*, que apresenta a Geografia Física e Humana do Brasil e finalmente, *Primeira Série Colegial*, de Geografia Física. Portanto, dispomos de material suficiente para analisar um amplo contexto do Ensino de Geografia e da principal corrente do pensamento geográfico daquela época.

Vejam algumas marcas positivistas, de acordo com Santos, W. (1984), perceptível na obra do autor, numa visão determinista, neutra (?) uma passagem do livro *Geografia Geral* (AZEVEDO, 1958) escrito para a Segunda Série Ginásial⁹. No capítulo *Geografia da América* Azevedo explica as diferenças entre as Américas do Norte e do Sul, chegando a sugerir “subliminarmente” na última frase do referido texto que toda a América era área de influência dos EUA (nessa edição a revolução Cubana ainda não havia acontecido):

[...] Daí decorrem outras diferenças, que se referem ao clima, à vegetação e ao próprio povoamento: as planícies do norte são mais favoráveis ao estabelecimento do homem; no sul, predominaram as colônias de exploração, enquanto ao norte predominaram as de povoamento. Resta lembrar alguns contrastes que dizem respeito à população e à vida econômica: na América do Norte dominam os indivíduos de origem européia, o protestantismo e a língua inglesa, ao lado de uma agricultura superior e uma indústria bastante desenvolvida; na América do Sul, além do elemento de origem européia, existe forte porcentagem de mestiços, falam-se línguas novi-latinas, domina o catolicismo, a par de uma economia de base agrícola, que só agora começa a industrializar-se. Há, por conseguinte, semelhanças e diferenças dentro de nosso continente. As diferenças não nos devem impressionar, porque são perfeitamente explicáveis pela Geografia e pela História. Mais notáveis são as semelhanças, pois servem para provar que a união dos americanos, em um só bloco, tem uma base geográfica, sólida e estável [...] (AZEVEDO, 1958, p. 23 - todos os grifos são nossos).

Mas, após descrever o povoamento de todo o continente, no tocante à quantidade de população, o autor não se contém e declara que “Os Estados Unidos da América (“United States of America”) são o mais importante país do continente” (AZEVEDO, 1958, p. 39).

Outro trecho da mesma obra descreve indígenas norte-americanos sem fazer referências à sua dizimação. É a “neutralidade científica”, que, em última análise, torna-se

⁹ Corresponde, *grosso modo*, ao 7º ano do Ensino Fundamental atual).

favorável aos povos europeus, tanto nos EUA como no Brasil. Vejamos o trecho sobre a América do Norte:

Os "peles-vermelhas" vivem em muitos trechos do Canadá e dos Estados Unidos, em territórios que lhes foram reservados pelo Governo. [...] No século XIX, levas e levas de imigrantes procuraram as terras da América do Norte, desejosos de encontrar vida mais fácil; e, assim, Irlandeses, Italianos, Alemães, Escandinavos, Eslavos, etc., dirigiram-se especialmente para os Estados Unidos e foram-se confundir com o antigo núcleo de origem colonial [...].

Os negros e os indígenas. Ao lado dessa população de origem européia, existem alguns milhões de negros estabelecidos, sobretudo a sudeste dos Estados Unidos; foram trazidos da África no período colonial, a fim de trabalhar na lavoura e lá se mantiveram isolados das demais populações, embora falando a língua inglesa. Quanto aos indígenas, são hoje em pequeno número (salvo no México) e distinguem-se nos seguintes grupos: os Esquimós ou Ésquimos, que vivem da caça e da pesca nas regiões árticas; os índios Peles-Vermelhas, isolados nas "reservas" situadas nas planícies centrais e nas montanhas ocidentais; e os índios Mexicanos (Pimas, Aztecas, Otomies, etc.), remanescentes dos que existiam no tempo da colonização e avaliados em 5 milhões (AZEVEDO, 1958, p. 38-9. Todos os grifos são nossos).

Em nosso país, o seguinte trecho do capítulo VIII (Os tipos étnicos), da obra da Terceira Série Ginásial, Geografia do Brasil (*Geografia Física e Humana do Brasil*), descreve assim a formação do povo brasileiro:

Dos povos da Europa, os portugueses são os que mantêm maiores afinidades com os brasileiros. Durante toda a época colonial e, depois, na qualidade de imigrantes, numerosos contingentes fixaram-se em nossas terras, transmitindo-nos sua língua, sua religião e as bases de suas instituições. Cruzaram-se com os indígenas e com os africanos, produzindo larga mestiçagem. Daí os laços que nos ligam ao velho Portugal, a quem devemos dedicar uma afeição especial. Daí encontramos descendentes seus em todas as camadas sociais.

O povo português é o resultado de longa e variada mescla de povos, em que se destacaram os celtiberos, os germanos, os árabes e os judeus. Culturalmente, foi dos romanos que receberam mais profunda influência (AZEVEDO, 1960, p. 94. Todos os grifos são nossos).

Nota-se uma predisposição à "democracia racial" na passagem acima, o que é salutar diante das teses racistas que, juntamente com outros fatores, levaram à eclosão da Segunda Guerra Mundial e à morte de muitos milhões de pessoas. Em um abalado mundo pós-guerra, nada melhor do que a busca da paz e da conciliação entre os povos; mas só isso não basta, é preciso justiça social entre todos os integrantes de uma nação. O autor prossegue seu texto acerca de italianos e espanhóis, também participantes da miscigenação étnica brasileira:

A seu lado os italianos constituem importante elemento da população brasileira, notadamente nos Estados do sul. Alguns se fixaram na época colonial, dando origem a velhas famílias brasileiras. A maioria, porém, aqui se estabeleceu na qualidade de imigrantes nos últimos 75 anos,

integrando-se com facilidade na vida do país (AZEVEDO, 1960, p. 94. Todos os grifos são nossos).

[...] Muitos brasileiros descendem de espanhóis. Este elemento, aqui fixado também desde os tempos coloniais (quando deu origem a algumas famílias hoje bem brasileiras), veio em maior número a partir de meados do século passado, com a imigração. Ibérico, como os portugueses, integrou-se com facilidade na massa de nossa população (AZEVEDO, 1960, p. 95. Todos os grifos são nossos).

Porém cita que alemães e eslavos não estavam tão integrados à nação brasileira. Embora importantes, viviam relativamente isolados, no sul do Brasil:

Nos Estados meridionais, sobretudo em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul, os alemães representam papel de importância na população, onde se destacam por suas atividades econômicas e sua maneira de viver. Fixaram-se entre nós há mais de cem anos. Infelizmente, sua assimilação vem se processando com lentidão, o que explica certo isolamento em que se mantêm em relação aos seus irmãos brasileiros de outras origens. Os alemães do sul do Brasil persistiram, durante longos anos, em manter-se nesse isolamento, que era agravado pelas diferenças de hábitos e pelo uso do idioma alemão. Entretanto, em época recente, foram tomadas providências pelo Governo no sentido de integrar, na comunhão brasileira, tão operosos elementos.

Também no sul do país, muitos patrícios nossos descendem de povos eslavos, ali estabelecidos a partir de fins do século XIX, como imigrantes. Entre esses povos, destacaram-se os poloneses e os ucranianos, que ali deixaram seus descendentes, cuja assimilação se vai processando vagarosamente [...] (AZEVEDO, 1960, p. 96. Todos os grifos são nossos).

Fechando a parte das comunidades não muito integradas, transcrevemos os comentários sobre os indígenas brasileiros para a análise e julgamento do leitor:

O indígena vive isolado da civilização. É difícil calcular o número de indígenas que vivem no território brasileiro; talvez não cheguem a um milhão e meio. Em sua maioria, vivem completamente isolados da civilização, nos vastos territórios que constituem a Bacia Amazônica e noutros pontos esparsos (Maranhão, sul de Mato Grosso, sertões do Paraná e Santa Catarina etc.). Apenas uns 200.000 se encontram em contato com os civilizados, através do Serviço de Proteção aos Índios e das numerosas missões religiosas.

[...] Esse elemento indígena, hoje assim apartado da comunhão brasileira, mas outrora em contato permanente com o colonizador, contribuiu grandemente na formação de nossa nacionalidade: não só através da mestiçagem, como também por meio de certos hábitos, e sobretudo, de avultado número de vocábulos que já se integraram em nossa língua.

Discute-se o problema da assimilação do nosso indígena, havendo autores (como Oliveira Viana) que o consideram absolutamente inassimilável. Muito, porém, já se tem conseguido, graças ao incansável trabalho de homens como o general Cândido Rondon e à dedicação dos missionários. A tarefa é realmente árdua e exige inaudita paciência, pois não pode ser coisa fácil trazer para nossa civilização criaturas que ainda vivem como viviam o homem de Neandertal e o de Cro-Magnon (AZEVEDO, 1960, p. 103-4. Grifos nossos, exceto os negritos do início do parágrafo, do próprio autor).

Azevedo tece considerações preconceituosas sobre os mestiços e o vocábulo porém chega até mesmo a ser cruel com a capacidade criativa da etnia negra:

Os mestiços constituem importante elemento da população. Dos 52 milhões de brasileiros, recenseados em 1950, provavelmente uns 18 milhões são o resultado do cruzamento de brancos, negros e ameríndios. [...] Os mais numerosos são os mulatos, que trazem em suas veias sangue português e africano. Nem sempre robustos, tais mestiços costumam apresentar, porém, inteligência viva e certo pendor para a literatura, a política, as artes (AZEVEDO, 1960, p. 96. Todos os grifos são nossos).

Para concluir este tema da “aneutralidade”, leia o trecho a seguir, sobre a etnia negra, que o autor chamou de elemento:

O elemento negro na população brasileira. Atualmente existem no território nacional cerca de 6 milhões de negros que se espalham por uma faixa não muito larga, desde o Maranhão até São Paulo, de modo particular. Em certos pontos se acham mais concentrados; é o caso da “zona da mata” do Nordeste, no Recôncavo baiano, no sul de Minas [Gerais], em todo o Estado do Rio [de Janeiro] e no da Guanabara¹⁰, onde representam importante elemento da população (AZEVEDO, 1960, p. 99 - grifos do Autor).

[...] O negro brasileiro é geralmente forte. Seu gênio é pouco expansivo, sua índole é pacífica e propícia à submissão. Supersticioso, aprecia a prática de ritos fetichistas. [...] O negro vive num certo isolamento, embora não existam entre nós preconceitos de côr. Dedicar-se a profissões braçais ou aos serviços domésticos, salvo na Bahia, onde aparece em tôdas as profissões. Mas seu papel social foi outrora relevante [...] (AZEVEDO, 1960, p. 102, grifos nossos).

CONCLUSÃO

A crítica ao novo programa nos permitiu notar que Azevedo entendia muito bem da Ciência e da Disciplina para a qual escrevia livros didáticos, pois explicou, como vimos, a confusão de conceitos ali presentes. Além disso, seu alinhamento com os EUA aparece na crítica ao programa oficial dentro do espírito de alinhamento do Brasil ao hemisfério ocidental capitalista liderado pelos EUA. Suas convicções ideológicas pessoais levaram-no a sugerir “subliminarmente”, como vimos, que toda a América era área de influência dos EUA. Lembramos que na época Cuba estava passando pela revolução, mas a situação da Ilha ainda estava indefinida tanto geopolítica quanto economicamente falando.

¹⁰ Antigo Estado brasileiro que existiu de 1960 a 1975. Compreendia apenas o município do Rio de Janeiro e foi criado depois que a Capital Federal do Brasil foi mudada do Rio de Janeiro para Brasília em 1960. Guanabara vem do idioma indígena tupi e significa seio-mar (Wikipedia, 2013).

Em seguida, o mesmo pequeno trecho sobre o povoamento da América nos permitiu concluir a aneutralidade de Aroldo de Azevedo que utilizou a “neutralidade científica” favoravelmente aos povos europeus, tanto nos EUA como no Brasil.

Nos EUA Azevedo descreveu os indígenas norte-americanos omitindo a dizimação dos “peles-vermelhas” pelo Governo dos invasores brancos (anglo-saxões, germânicos e eslavos) que roubaram seus territórios com guerras de extermínio. Os negros dos EUA, na época ainda restritos ao sudeste do país estavam isolados das demais populações. Por quê? Estavam isolados pelo apartheid “informal” que vigorou nos EUA, só destruído com as lutas pelos direitos civis dos anos 1960 que fizeram vários mártires tanto anônimos quanto famosos como o cineasta Malcolm X e o Pastor Martin Luther King, mas que levaram à eleição décadas depois de um negro para a Presidência da República: o imigrante queniano Barak Hussein Obama.

Em relação à formação do povo brasileiro ficou extremamente clara a gradação de importância que o autor concedeu aos povos estrangeiros na formação do povo brasileiro: iniciou com os portugueses e deu mais importância a eles e aos espanhóis, depois aos demais brancos europeus como os ainda latinos italianos, depois os germânicos alemães, e finalmente os russos e demais eslavos, todos brancos europeus, para depois citar pejorativamente os indígenas, mestiços e negros.

Aos indígenas chamou de “**criaturas** que ainda vivem como viviam o homem de **Neandertal e o de Cro-Magnon**” praticamente os chamou de sub-humanos... Depois continuou desqualificando as capacidades de mestiços e de negros. Relembrando: Aos mestiços [de portugueses e africanos] “**nem sempre robustos**, [que] costumam apresentar, **porém**, inteligência viva e certo pendor para a literatura, a política, as artes” e, por último os negros, que chamou de **elemento**: “**geralmente forte**. Seu gênio é pouco expansivo, sua índole é pacífica e **propícia à submissão**. **Supersticioso**, aprecia a prática de ritos fetichistas. [...] O negro vive num certo isolamento, embora não existam entre nós preconceitos de côr [sic]. Dedicase a **profissões braçais ou aos serviços domésticos, salvo na Bahia**, onde aparece em todas as profissões”.

Felizmente, e para destruir preconceitos, surgiu na mesma Bahia um combativo advogado negro, que depois transformou-se em um famoso Geógrafo universitário da escola marxista, que foi expulso do país pela ditadura militar. “Porém”, no exílio, **devido ao seu notório saber**, transformou-se em um dos maiores geógrafos de renome mundial do século XX. E foi professor, inclusive, mas não somente, de universidades francesas, berço da Geografia brasileira. Seu nome: Milton Santos.

Assim, concluindo, esperamos ter contribuído para o debate a respeito do tema ao trazer boa parte do programa oficial, sumários das obras analisadas de Aroldo de Azevedo e, também, o comentário a respeito da suposta neutralidade dos geógrafos da época. Como vimos no capítulo sobre a população brasileira, o autor não conseguiu manter a neutralidade, manifestando suas ideologias e preconceitos no texto que transmitiu a várias gerações de brasileiros que, “porém”, puderam ter acesso à escola pública.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO, Aroldo de. **Geografia do Brasil: Terceira Série Ginasial**. São Paulo, Companhia Editora Nacional. 106^a ed., 1960. 262 p. il.

_____. **Geografia Física: Primeiro ano do curso colegial**. São Paulo, Companhia Editora Nacional. 34^a ed., 1959. 396 p. il.

_____. **Geografia Geral: Segunda Série Ginasial**. São Paulo, Companhia Editora Nacional. 102^a ed., 1958. 270 p. il.

BARBOSA, Alexandre Marcos Lourenço. **O Pensamento Geográfico de Aroldo de Azevedo – Um Brevilóquio**. Disponível em: <<http://www.jornalonline.com.br/.../retrato-aroldo-azevedo-www.jornalonline.com.br-edicao032.pdf>>. Acesso em: 21/set/2010.

CARDOSO, Luciene P. C. **Novos horizontes para o saber geográfico: a Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro (1883-1909)**. Revista da SBHC, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 80-96, jan. | jun. 2005 Disponível em http://www.sbhc.org.br/pdfs/revistas_anteriores/2005/1/artigos_6.pdf. Acesso: 18/10/2010

GRANVILLE, Maria Antonia. O discurso pedagógico dos livros didáticos da década de sessenta: reflexos ou reproduções das “Políticas Públicas de Educação” da época? **1ª JIED – Jornada Internacional de Estudos do Discurso**: 27, 28 e 29 de março de 2008. Disponível em: <<http://www.dle.uem.br/jied/pdf/relacao%20resumo.pdf>>. Acesso em: 14/set/2010.

INFOPÉDIA [Em linha]. **Verbete BERNARDO VARENIUS**. Porto: Porto Editora, 2003-2010. Disponível em: <[http://www.infopedia.pt/\\$bernardo-varenius](http://www.infopedia.pt/$bernardo-varenius)>. Acesso em: 17/10/2010

LACOSTE, Yves. Élisée Reclus, une très large conception de la géographicit  et une bienveillante g opolitique. **H rodote**, n  117, La Découverte, 2e trimestre 2005.p. 29-52. Disponível em <<http://www.cairn.info/revue-herodote-2005-2.htm>>. Acesso: 18/set/2010.

LEAL, Fabiana Machado. Geografia: Ciência Corográfica e Ciência Corol gica. **II Encontro Nacional de História do Pensamento Geográfico**, 2009. Disponível em

<<http://enhpgii.files.wordpress.com/2009/10/fabiana-machado-leal1.pdf>>. Acesso em: 23 set. 2010.

MORAES, Antonio C. R. FERNANDES, F. (Coord.). **Ratzel**: Geografia. São Paulo, Ática. 1990. 200 p.

MORAES, Antonio C. R. Departamento de Geografia: linhas de pesquisa. In: **Revista Estudos Avançados**, vol. 8, n. 22, sept/dec 1994.

_____. **Geografia: Pequena história crítica**. São Paulo, Annablume. 21^a Ed., 2007. 130 p.

SANTOS, WILSON dos. A obra de Aroldo de Azevedo – Uma avaliação. Dissertação de Mestrado. Instituto de Geociências e Ciências Exatas – Unesp, Rio Claro, 1984, 94 p.

WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre [em linha]. **Verbetes Guanabara**. Disponível em: <<http://pt.m.wikipedia.org/wiki/Guanabara>>. Acesso em: 24 jul. 2013.